

O USO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NO ENSINO SUPERIOR: COMO OS PROFESSORES ESTÃO LIDANDO?

Flávio Renato de Aguiar Lopes¹.

Must University, Boca Raton, Florida (EUA).

<http://lattes.cnpq.br/2503165941882101>

RESUMO: A popularização da inteligência artificial (IA) tem provocado novas discussões no ensino superior, especialmente quanto à autoria, ao plágio, à qualidade dos trabalhos acadêmicos e à necessidade de orientação docente. Este capítulo analisa como professores universitários, em especial tutores do Programa de Educação Tutorial da Universidade de Brasília, estão lidando com a utilização de ferramentas de IA por estudantes na elaboração de trabalhos acadêmicos. A pesquisa tem abordagem quantitativa, com aplicação de questionário estruturado a treze tutores, de um universo de dezenove convidados. Os resultados indicam que os docentes reconhecem a presença da IA nas práticas acadêmicas, demonstram preocupação ética e defendem a necessidade de apoio institucional, embora não sustentem, majoritariamente, a proibição do uso da tecnologia. Conclui-se que a IA deve ser compreendida como recurso de apoio pedagógico, desde que seu uso seja orientado, transparente, crítico e regulado por diretrizes institucionais.

PALAVRAS-CHAVE: Inteligência Artificial. Ensino Superior. Professor. Estudante. Ética Acadêmica.

THE USE OF ARTIFICIAL INTELLIGENCE IN HIGHER EDUCATION: HOW ARE PROFESSORS DEALING WITH IT?

ABSTRACT: The popularization of artificial intelligence (AI) has raised new discussions in higher education, especially regarding authorship, plagiarism, the quality of academic assignments, and the need for teacher guidance. This chapter analyzes how university professors, particularly tutors from the Tutorial Education Program at the University of Brasília, are dealing with students' use of AI tools in academic writing. The study adopts a quantitative approach, based on a structured questionnaire answered by thirteen tutors out of nineteen invited participants. The results indicate that professors recognize the presence of AI in academic practices, show ethical concern, and defend the need for institutional support, although most of them do not support prohibiting the use of this technology. It is concluded that AI should be understood as a pedagogical support resource, provided that its

use is guided, transparent, critical, and regulated by institutional guidelines.

KEYWORDS: Artificial Intelligence. Higher Education. Professor. Student. Academic Ethics.

INTRODUÇÃO

A introdução de novas tecnologias no campo educacional costuma produzir incertezas, resistências e debates sobre limites de uso, formas de avaliação, autoria e qualidade da aprendizagem. Esse processo foi observado com a popularização dos computadores, da internet e das mídias digitais, que transformaram as práticas de pesquisa, escrita e comunicação em escolas e universidades. No contexto atual, fenômeno semelhante ocorre com a inteligência artificial, especialmente com ferramentas capazes de produzir textos, responder perguntas, sintetizar conteúdos e auxiliar estudantes na elaboração de atividades acadêmicas.

No ensino superior, a presença da IA em trabalhos acadêmicos tem provocado questionamentos sobre a formação profissional e científica dos estudantes. O problema não está apenas no acesso à ferramenta, mas no modo como ela é utilizada: como apoio ao estudo, à organização de ideias e à revisão textual, ou como substituição indevida do esforço intelectual do estudante. Nesse cenário, professores universitários precisam lidar simultaneamente com oportunidades pedagógicas, riscos de plágio, ausência de regras claras e dificuldade de identificar textos produzidos por sistemas automatizados.

Este capítulo resulta da adaptação de pesquisa desenvolvida sobre o uso da inteligência artificial no ensino superior, tomando como foco a percepção de professores da Universidade de Brasília, especialmente tutores de grupos do Programa de Educação Tutorial. Busca-se compreender como esses docentes avaliam a presença da IA nos trabalhos acadêmicos, quais preocupações éticas identificam e que tipo de apoio institucional consideram necessário para enfrentar os desafios recentes.

OBJETIVO

O objetivo geral deste estudo é investigar como professores universitários estão lidando com a utilização de ferramentas de inteligência artificial em trabalhos produzidos por estudantes no ensino superior.

Como objetivos específicos, busca-se descrever a percepção de docentes sobre o uso de recursos de IA no processo de elaboração de trabalhos acadêmicos e apresentar vantagens, desafios e questões éticas envolvidas no uso dessas tecnologias no ensino superior.

METODOLOGIA

Apesquisa adota abordagem dedutiva e quantitativa, adequada ao uso de questionário estruturado e à análise de respostas comparáveis entre participantes. O estudo foi realizado com tutores dos dezenove grupos do Programa de Educação Tutorial da Universidade de Brasília. A escolha desse público decorre de sua inserção simultânea em atividades de ensino, pesquisa e extensão, bem como do contato direto com estudantes de graduação e com produções acadêmicas.

O instrumento de coleta foi um questionário com onze perguntas fechadas, elaborado em formulário eletrônico e encaminhado por e-mail aos docentes. Após baixa adesão inicial, realizou-se novo contato por aplicativo de mensagem. Ao todo, treze tutores responderam ao questionário, o que corresponde a uma parcela expressiva do universo convidado, embora o recorte não represente todos os professores da instituição.

Os dados foram analisados por estatística simples, especialmente por contagem de respostas e percentuais. Também foram observados princípios éticos de pesquisa, como participação voluntária, consentimento informado, anonimato dos respondentes e preservação dos dados. Por se tratar de uma investigação voltada à percepção docente, os resultados devem ser compreendidos como indicativos de tendências e não como generalização absoluta para todo o ensino superior brasileiro.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As Tecnologias da Informação e Comunicação modificaram a organização social e educacional nas últimas décadas. A ampliação do acesso a computadores, internet, smartphones, ambientes virtuais e mídias digitais alterou a forma como estudantes pesquisam, escrevem, interagem e acompanham aulas. A cultura digital, portanto, não permanece fora da universidade: ela acompanha professores, estudantes e gestores, influenciando metodologias, expectativas e práticas de avaliação.

No caso da inteligência artificial, a transformação é ainda mais sensível porque a tecnologia não apenas facilita o acesso à informação, mas também produz respostas, interpreta textos, sugere argumentos e organiza conteúdos em linguagem natural. Autores como Barbosa e Portes (2023) definem a IA como a capacidade de dispositivos e sistemas executarem ações associadas ao raciocínio humano, como identificar variáveis, resolver problemas e tomar decisões. Kloeckner et al. (2023), por sua vez, destacam que sistemas de IA realizam processos semelhantes aos humanos, como aprendizagem, adaptação, síntese e uso de dados em tarefas complexas.

No ensino superior, a IA pode ser utilizada para personalizar trajetórias de aprendizagem, apoiar feedbacks, sugerir materiais, facilitar atendimento institucional e auxiliar na organização de estudos. Ferramentas baseadas em chatbot, por exemplo, podem responder dúvidas frequentes, orientar estudantes e apoiar processos administrativos.

Do ponto de vista pedagógico, também podem servir como recurso para análise crítica de respostas, revisão textual, levantamento inicial de hipóteses e desenvolvimento de atividades que estimulem comparação, verificação de fontes e argumentação.

Apesar dessas possibilidades, os desafios são expressivos. A primeira preocupação envolve a ética acadêmica. Quando o estudante utiliza IA para substituir integralmente a própria produção, sem transparência, sem autoria e sem checagem de fontes, a ferramenta pode favorecer práticas de má conduta acadêmica. A segunda preocupação envolve a confiabilidade das informações, pois sistemas de linguagem podem apresentar respostas genéricas, incompletas ou incorretas. A terceira refere-se à privacidade e à segurança dos dados, uma vez que plataformas digitais podem armazenar informações sensíveis dos usuários.

Outro aspecto relevante é a desigualdade. Instituições com maior capacidade financeira podem adotar ferramentas mais completas e seguras, enquanto outras podem permanecer sem infraestrutura adequada. A mesma desigualdade pode ocorrer entre estudantes, pois nem todos dispõem de computador, internet de qualidade ou familiaridade com recursos digitais. Assim, a adoção da IA precisa ser acompanhada por políticas institucionais, formação docente e orientações claras de uso, evitando que a tecnologia aprofunde diferenças sociais e acadêmicas.

A literatura também sugere que novas tecnologias costumam gerar medo e resistência. Isso ocorreu com outras ferramentas educacionais e pode estar ocorrendo com a IA. Entretanto, a proibição isolada tende a ser insuficiente, pois estudantes já têm acesso a esses recursos fora da sala de aula. Por isso, a questão central deixa de ser apenas permitir ou proibir e passa a envolver orientação, critérios de avaliação, transparência no uso, formação crítica e atualização das práticas pedagógicas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das respostas revelou que os professores participantes reconhecem a presença da IA na produção acadêmica, mas ainda enfrentam dificuldades para identificar com segurança quando um trabalho foi elaborado com auxílio de ferramentas automatizadas. Na primeira pergunta, sobre já ter identificado algum trabalho feito por IA, seis docentes responderam sim, seis responderam não e um declarou não saber dizer. Na segunda pergunta, sete afirmaram conseguir identificar esse tipo de produção, um respondeu que não e cinco disseram não ter certeza. Esses dados evidenciam que a detecção da IA ainda é incerta e depende de critérios subjetivos, como ausência de referências, estilo genérico de escrita ou inconsistências argumentativas.

Quanto ao uso de ferramentas tecnológicas de detecção, nove professores afirmaram não utilizar programas específicos e apenas quatro disseram utilizá-los. Esse resultado mostra que a maior parte dos respondentes não recorre a mecanismos automatizados para

verificar autoria textual. A ausência de uso pode estar relacionada tanto à falta de acesso a ferramentas confiáveis quanto à percepção de que a IA não deve ser tratada apenas como problema disciplinar, mas também como tema pedagógico a ser orientado.

Tabela 1: Síntese dos resultados do questionário aplicado aos tutores PET/UnB.

Questão analisada	Resultado predominante	Interpretação sintética
Identificação de trabalhos feitos por IA	6 sim; 6 não; 1 não sabe	Há divisão entre os docentes sobre reconhecer produções feitas por IA.
Capacidade de identificar uso de IA	7 sim; 1 não; 5 sem certeza	A identificação existe, mas não é plenamente segura.
Uso de ferramenta de detecção	9 não; 4 sim	Predomina a ausência de ferramentas específicas de verificação.
Qualidade de trabalho feito por IA	7 avaliam como bom	A IA é vista como capaz de produzir textos estruturados, embora limitados.
Concordância com IA em trabalhos	8 sim; 4 não; 1 sem opinião	A maioria aceita o uso, especialmente como apoio.
IA como plágio	7 não; 4 sim; 2 sem opinião	Os docentes tendem a diferenciar apoio tecnológico de substituição de autoria.
Orientação ética aos estudantes	11 sim; 2 sem opinião	Há forte preocupação com orientação e uso responsável.
Possível prejuízo à formação	8 sim; 4 não; 1 sem opinião	Persistem receios sobre dependência e redução do esforço intelectual.
Mais benefícios que malefícios	7 não; 4 sim; 2 sem opinião	A percepção ainda é cautelosa quanto ao saldo pedagógico da IA.
Proibição do uso pelos estudantes	8 não; 2 sim; 3 sem opinião	A maioria não apoia a proibição, apesar das preocupações.
Apoio institucional	9 sim; 1 não; 3 sem opinião	Há demanda por diretrizes institucionais claras.

Fonte: adaptado dos dados da pesquisa de autoria própria (2024).

Os resultados da Tabela 1 indicam um cenário ambivalente. De um lado, a maioria dos docentes concorda com o uso de IA na composição de trabalhos acadêmicos e não defende sua proibição. De outro, muitos acreditam que a tecnologia pode prejudicar a formação do estudante e trazer mais malefícios do que benefícios ao ensino. Essa aparente contradição revela que a aceitação da IA não significa confiança plena em seu uso. Os professores parecem reconhecer a inevitabilidade e o potencial da tecnologia, mas ainda temem dependência, perda de autoria, redução da leitura crítica e fragilização da aprendizagem.

A questão ética foi o ponto de maior consenso. Onze tutores afirmaram instruir estudantes sobre o uso ético de IA. Esse dado é relevante porque desloca o debate da simples punição para a formação. Em vez de tratar toda utilização como plágio, os docentes tendem a compreender que a IA pode atuar como ferramenta de apoio, desde

que o estudante declare seu uso, verifique informações, mantenha autoria intelectual e não entregue respostas geradas automaticamente como se fossem produção própria.

Outro resultado importante é a demanda por apoio institucional. Nove docentes afirmaram que falta suporte da instituição para lidar com casos de trabalhos feitos por IA. Essa ausência de diretrizes pode gerar insegurança, tratamentos desiguais entre disciplinas e dificuldade de definir o que é aceitável, obrigatório ou proibido. Políticas institucionais podem orientar docentes e estudantes sobre transparência, citação do uso de ferramentas, proteção de dados, formas de avaliação e consequências para usos indevidos.

A análise também aponta a necessidade de repensar práticas avaliativas. Atividades meramente reprodutivas, baseadas em respostas prontas e facilmente automatizáveis, tornam-se mais vulneráveis ao uso acrítico da IA. Em contrapartida, propostas que exigem análise de fontes, defesa oral, registros de processo, comparação entre respostas humanas e automatizadas e aplicação contextualizada do conhecimento podem reduzir o risco de substituição da autoria e, ao mesmo tempo, aproveitar pedagogicamente a tecnologia.

Dessa forma, os professores pesquisados demonstram estar lidando relativamente bem com a presença da IA, embora ainda enfrentem inseguranças. A tendência predominante não é de rejeição absoluta, mas de aceitação cautelosa. A IA aparece como recurso que precisa ser compreendido, regulado e incorporado de modo crítico, sem substituir o professor, o estudante, a leitura acadêmica e a construção autoral do conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa permitiu analisar a percepção de docentes do ensino superior diante do uso de inteligência artificial por estudantes na elaboração de trabalhos acadêmicos. Os dados indicam que os professores reconhecem a presença da IA, percebem sua capacidade de produzir textos aparentemente bons e, ao mesmo tempo, demonstram preocupação com plágio, qualidade da formação, segurança de dados e ausência de regulamentação institucional.

O objetivo geral foi alcançado ao demonstrar que os professores estão lidando com a IA de forma relativamente aberta, porém cautelosa. A maioria não defende a proibição da tecnologia e muitos concordam com seu uso como apoio à produção acadêmica. Entretanto, também há receio de que a dependência da IA comprometa competências essenciais, como leitura, escrita, análise crítica, argumentação e autoria.

Conclui-se que a inteligência artificial não deve ser tratada apenas como ameaça, tampouco como solução automática para problemas educacionais. Seu uso exige formação docente, orientação discente, revisão das metodologias de avaliação e criação de normas institucionais claras. A principal contribuição deste estudo está em mostrar que o debate sobre IA no ensino superior precisa ir além da detecção de textos automatizados, abrangendo ética, pedagogia, inclusão digital, responsabilidade institucional e formação crítica dos estudantes.

Como limitação, destaca-se o número restrito de participantes e o recorte concentrado em tutores PET da Universidade de Brasília. Pesquisas futuras podem ampliar o universo investigado, incluir estudantes e comparar diferentes instituições de ensino superior, a fim de compreender como a IA está sendo apropriada em contextos diversos.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Luciane Muniz Ribeiro; PORTES, Luiza Alves Ferreira. A inteligência artificial. Revista Tecnologia Educacional, Rio de Janeiro, n. 236, p. 16-27, 2023.

CAETANO, Andréa Cristina Moraes. Mídias digitais e a dinâmica conceitual. Flórida: Must University, 2022. E-book.

COSTA JÚNIOR, José Ferreira da et al. A inteligência artificial como ferramenta de apoio no ensino superior. REBENA - Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem, v. 6, p. 246-269, 2023. Disponível em: <https://rebena.emnuvens.com.br/revista/article/view/111>. Acesso em: 5 ago. 2024.

CRESWELL, John W.; CRESWELL, J. David. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre: Penso, 2021.

FLICK, Uwe. Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes. Porto Alegre: Penso, 2012.

GILBERTO, Irene Jeanete Lemos. As tecnologias digitais na fronteira do conhecimento: a inter-relação educação-cultura no ensino superior. Revista Inter-Ação, Goiânia, v. 40, n. 2, p. 391-405, 2015. DOI: <https://doi.org/10.5216/ia.v40i2.28762>.

GÓES, Derik; PORTO, Cristiane de Magalhães. O ChatGPT: a tecnologia a serviço do aluno e do professor em sala de aula. Simpósio Internacional de Educação e Comunicação - SIMEDUC, n. 11, 2023. Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/simeduc/article/view/16300>. Acesso em: 5 ago. 2024.

KLOECKNER, Fernanda Lopes et al. Inteligência artificial nos processos de ensino-aprendizagem no ensino superior: uma revisão narrativa. Contribuciones a las Ciencias Sociales, v. 16, n. 9, p. 15533-15550, 2023. DOI: <https://doi.org/10.55905/revconv.16n.9-104>.

MENDES, Lina Maria Braga. Experiências de fronteira: os meios digitais em sala de aula. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. DOI: 10.11606/D.48.2009.tde-03092009-141227. Disponível em: www.teses.usp.br. Acesso em: 21 set. 2023.

NASCIMENTO, Claudio Cesar do. Inteligência artificial no ensino superior: da transformação digital aos desafios da contemporaneidade. Publicações, 2023.

RODRIGUES, Kátia dos Santos; RODRIGUES, Olira Saraiva. A inteligência artificial na educação: os desafios do ChatGPT. Texto Livre, Belo Horizonte, v. 16, e45997, 2023. DOI:

<https://doi.org/10.1590/1983-3652.2023.45997>.

SANTANDER, Alejandro. A ciberconvivencia dos screenagers. *Revista Meta: Avaliação*, v. 4, n. 12, p. 314-322, 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.22347/2175-2753v4i12.169>.

SOUZA, Ellen Caroline et al. Futuro do ensino superior frente aos desafios da inteligência artificial: uma revisão bibliográfica. *Revista de Gestão e Secretariado*, v. 15, n. 6, e3922, 2024. DOI: <https://doi.org/10.7769/gesec.v15i6.3922>.

SPINAK, Ernesto. IA: como detectar textos produzidos por chatbox e seus plágios. *SciELO em Perspectiva*, 2023. Disponível em: <https://blog.scielo.org/blog/2023/11/17/ia-como-detectar-textos-produzidos-por-chatbox-e-seus-plagios/>. Acesso em: 5 ago. 2024.

TAVARES, Luís Antônio; MEIRA, Matheus Carvalho; AMARAL, Sérgio Ferreira do. Inteligência artificial na educação: survey. *Brazilian Journal of Development*, v. 6, n. 7, p. 48699-48714, 2020. DOI: <https://doi.org/10.34117/bjdv6n7-496>.